

La contremarque dont il était question dans le décret du 31 mars 1887, se composa des deux lettres G P signifiant: *G(overno) P(ortuguês)* surmontées d'une couronne royale, le tout renfermé dans un petit cercle. Les poinçons et les coins de cette contremarque existent à l'Hôtel des monnaies de Lisbonne, où M. de Vasconcellos a bien voulu les identifier avec l'empreinte soumise.

Une loi du 3 août 1887 autorisa une émission tant de ce numéraire poinçonné que d'espèces portugaises du type courant pour arriver à remplacer peu à peu les monnaies qui seraient retirées de la circulation.



M. Bordeaux présente une pièce de 5 fr. de la première République française, deux piastres espagnoles de Charles IV de 1793 et de 1895, un réal de Philippe V de 1731, provenant de sa collection et qui portent la contremarque dont le dessin se trouve ci-dessus.

Les pièces ainsi poinçonnées doivent donc être retirées dorénavant de la série coloniale française. Elles ne peuvent plus figurer que dans la série portugaise comme monnaies coloniales frappées d'une contremarque aux Açores en 1887».

(Vid. a respectiva Acta, p. LXII-LXIV, appensa á *Revue Numismatique*, 4.<sup>a</sup> serie, t. 1).

### Discurso da inauguração do Museu de Cenaculo em Beja em 1791

Na livraria do Sr. Visconde da Esperança, na quinta da Manisola, arredores de Evora, existe um manuscrito (n.º  $\frac{75}{10}$ ), assim indicado no *Catalogo dos principaes manuscritos* da mesma livraria, Evora 1897, p. 9: «Oração do Museu, dita em 15 de Março de 1791 perante

D. Fr. Manoel do Cenaculo, na inauguração do Museu Cenaculo Pacense, fundação do grande homem. Anonymo».

Tendo eu manifestado ao Sr. Visconde da Esperança desejos de ler e extractar o referido manuscrito, S. Ex.<sup>a</sup> accedeu do melhor modo a elles, e para esse fim estive na Manisola em 21 de Agosto de 1898. Não só ahi fiz d'este ms. os extractos que julguei convenientes, mas tive ensejo de ver algumas preciosidades da livraria do Sr. Visconde e as suas últimas aquisições archeologicas; alem d'isso S. Ex.<sup>a</sup> levou a sua amabilidade a ir-me mostrar pessoalmente a célebre fonte que foi construida por André de Resende, o patriarcha dos estudos archeologicos em Portugal no sec. XVI, fonte que com o terreno correspondente, está hoje incorporada na vasta propriedade da Manisola<sup>1</sup>. Passei um dia magnifico, cheio de encantos bibliographicos e archeologicos, realçados de mais a mais pela cativante affabilidade que o Sr. Visconde tem sempre para os seus hospedes. Nesta visita acompanhou-me tambem o Sr. A. F. Barata, que ás cousas do nosso passado consagra grande sympathia, revelada em numerosos escritos.

Vou fallar agora especialmente do manuscrito que se refere ao Museu, e apresentar o summário da leitura a que nelle procedi.

O ms. é em papel ordinario, in-folio, de 20 pags. não numeradas, com um pedaço de papel collado na p. 3 por causa de um apontamento que o A. quis intercalar no texto. Contém muitas emendas, o que prova que nos achamos deante do original do discurso, e não deante de uma cópia.

Com quanto o discurso não esteja assignado, attribuo-o sem hesitação á penna de Fr. José de S. Lourenço do Valle, amigo dedicado e collaborador de Cenaculo. Levam-me a esta attribuição as várias allusões que no discurso se lêem a estudos particulares de Fr. José de S. Lourenço do Valle, estudos que conheço por varios trabalhos, uns impressos, outros manuscritos, que existem na Bibliotheca Pública Eborense, e que por vezes tenho compulsado. Tanto quanto pude julgar de memoria, pois não tive presentes na mesma occasião, para os comparar, os papeis que existem na Bibliotheca Pública e o que existe na do Sr. Visconde, pareceu-me tambem ser uma só a lettra d'aquelles papeis e a d'este.

O Museu que Cenaculo fundou em Beja, quando bispo d'esta diocese, continha não só objectos archeologicos, mas exemplares de ethnographia selvagem moderna, e productos de história natural.

<sup>1</sup> Cf. *O Arch. Port.*, iv, 123, nota.

D'isto resta ainda alguma cousa no Museu de Evora. O bispo resolveu abrir o Museu de Beja ao público; a inauguração fez-se com solemnidade, assistindo o proprio prelado, e muitas outras pessoas.

O discurso da inauguração, recitado, como digo, por Fr. José de S. Lourenço do Valle, continha, alem dos respectivos adminiculos de todo o discurso rhetoricamente bem organizado (exordio, epilogo, etc.), duas partes principaes: uma, sobre a importancia da archeologia; outra, sobre a da história natural.

\*

O orador preocupa-se sobretudo com a primeira parte, e começa por discorrer do proveito do estudo da antiguidade sagrada e profana.

Importancia de um Museu archeologico em geral: «elle . . . . me representa . . . ., nas inscrições profanas a erudição das lingoas, a história dos seculos passados, e a noticia da fabula».

Consideração que aos monumentos davam os Hebreus: o templo de Jerusalem, as táboas da lei, etc.

«E se da Palestina nos transportamos á Grecia, que toda esta, á imitação d'aquella, hera um museo: que magnificencia de escholas em Athenas!»

Passa aos Romanos, de quem falla por alto.

Atenção que em tempos mais modernos prestavam á archeologia vultos notaveis, como Carlos IV, os Medicis, Paulo II, Clemente XIV; a epigraphia na Universidade de Turim; a livraria da Universidade de Sena.

Definição de um museo: «Essas pedras quebradas, dinheiros pizados, letras desconhecidas, e peças desenterradas são preciosos meios que, conhecendo-os vós, sabereis o muito que se ignora» [sic]. «O estudo do Museo he hũa disposição para qualquer homem ser completamente sabio. Hũa raridade deve preparar o animo para outra raridade».

Exalta a Cenaculo, por ser o primeiro que em Portugal offereceu ao público um museo, tendo de várias partes do mundo alcançado cousas curiosas, e desenterrado no nosso país várias raridades, para com tudo isto ministrar aos investigadores materia de estudo.

O Museu de Cenaculo é descrito nestas palavras, que o orador dirige aos seus onvintes:

«Já vos parece ver idolos mudos . . . . ler as antigas inscrições, ver urnas, ver gigantescos pedaços de colossos cuja perfeição faz

saudoso desejo dos restos que não aparecem, entender medalhas, e contemplar peças esquisitas na arte, admirar as diversas produções da natureza, sua força ligada na perturbação dos monstros, e sua belleza na ordem perfeita».

Desenvolve este ponto, soccorrendo-se sobretudo da epigraphia:

«Hum homem lê uma inscripção phenicia ou grega, conhece um testemunho, e ouve hũa voz que mudamente lhe brada que, alem de ser verdadeira a sua antigua existencia, he aquillo que ha de mais mysterioso e occulto nos livros sagrados na ordem humana referida a cousas divinas». — Quem conhece dos manuscritos da Bibliotheca de Evora as predilecções de Fr. José de S. Lourenço do Valle pelo phenicio e pelo grego, vê aqui o homem! Já noutro ponto do discurso elle tem uma allusão pessoal; dirige-se a Cenaculo, e diz: «desde o tempo em que estudei as linguas orientaes no seu collegio de Jesus». Os seus escritos, existentes na referida Bibliotheca, estão por vezes salpicados não só de grego, mas de hebraico. Não ha pois dúvida que o discurso é d'elle.

Continuemos com os nossos extractos. O orador, que está, como digo, soccorrendo-se da epigraphia para demonstrar o valor da archeologia, falla agora, com especial cuidado, das inscripções ibericas do Campo de Ourique<sup>1</sup>, que elle interpretou a seu modo, e traduziu, — qual outro João Bonança em tempos modernos. Eis aqui mais uma importante allusão pessoal: «Para mostrar dignamente este ponto, me vejo percizado a servir-me *da minha experiencia*». Ora Fr. José de S. Lourenço é que havia estudado primeiro estas inscripções, como consta dos documentos que se acham na Bibliotheca de Evora, e que contém uma extraordinaria interpretação das mesmas. O orador considerava o hebraico como pae de todas as lingoas, do mesmo modo que João Bonança considera o portugûes como anterior ao latim. Estes dois visionarios eram, a respeito de philologia, dignos um do outro, com a differença que Fr. José de S. Lourenço alguns serviços prestou á sciencia, pois colligiu varios materiaes em primeira mão. Fallando ainda das inscripções de Ourique, diz com effeito o orador: «aqui descubro a lingua santa em diversos caracteres» (!).

Após estas considerações sobre as inscripções de Ourique, em que o orador se detem, para fazer valer a sua obra exegetica, passa a commemorar, embora summariamente, a importancia archeologica da cidade de Beja.

<sup>1</sup> Vid. sobre ellas Hübner, *Monumenta linguae Ibericae*, p. 191 sqq.

Assenta em seguida a utilidade do conhecimento da fábula, e em geral da litteratura classica, para com isso confirmar «santas verdades da religião christã».

Analyse succinta das inscrições sepulcraes do Paganismo, onde já «se vê arraiar a luz da immortalidade da alma». O martyrio dos santos revelado pela epigraphia.

Chegado ao fim da primeira parte do seu discurso, remata-a d'esta maneira:

«Eu bem sei que a S. Ex.<sup>a</sup> [Cenaculo] se deve ha muito tempo o ouvir retumbar com respeito o nome da Antiguidade no Alemtejo. As suas diligencias fazem admiração na Europa, e queira Deos que todos se inflammem em a descobrir attentamente sem que os detenhaõ intereçadas intenções, que com sinistros pretextos soffocaõ grande honra de Portugal e esplendor da religião».

\*

Depois de ter tratado da archeologia, diz que devia tratar da importancia do estudo da historia natural, que constitue a segunda secção do Museu, mas accrescenta que não póde ir alem do que Cenaculo escreveu numa obra sua, e por isso traslada d'ella um pequeno trecho, a que junta considerações de pouco pêsó.

Fecha o discurso, resumindo a importancia do estudo da archeologia e da história natural, representadas no Museu.

\*

\* \*

O discurso está bastante descosido, não prima pela elegancia oratoria; e o orador, sem se preocupar muito com enaltecer o alcance dos estudos da archeologia, que torna o homem solidario com o passado, e dos estudos da história natural, que marca o lugar d'elle na cadeia dos seres, e lhe dá noção mais nitida de si mesmo e do universo, esforça-se sobretudo por glorificar a Igreja, e a pessoa de Cenaculo. Ainda assim, attentas as circumstancias em que este discurso foi pronunciado, nos fins do sec. XVIII, e em Beja, alguma significação tem na história do nosso modesto movimento archeologico; por isso fiz d'elle o resumo precedente.

Receba mais uma vez o Sr. Visconde da Esperança os meus agradecimentos pela liberdade com que me facultou o exame do curioso manuscrito.

J. L. DE V.